

# GRUPO FLAMBOYANT

Jornal do Peregrino

www.jperegrino.com.br

Ribeirão Preto - SP - Ano I - Nº 1 - Maio/2002

## GRUPO FLAMBOYANT

### *Uma História de Resistência.*

**Waldomiro W. Peixoto**

Fundado em março de 90. Já se vão 12 anos! E isso não é pouco quando se trata de um grupo que se reúne para discutir e fazer literatura em um país como o Brasil, em uma cidade fora do eixo que mais produz cultura neste país – quando produz.

No mundo atual, granítico, “reificante, materialista, que estimula a violência e o isolamento” (orelha de “Uni/Versos”, 1997), que exige de cada um de nós atitudes práticas e utilitárias, eivadas de objetividade e imediatismo, reunir-se todas as semanas, durante o ano todo, podia parecer coisa de loucos e desocupados. Não era. Hoje o Grupo Flamboyant (GF) é uma realidade e muito tem feito pelas letras regionais.

Como tudo começou? Algumas pessoas ligadas à arte e cultura, em Ribeirão Preto, e interessadas nos mistérios do fazer literário, se reuniram no Edifício Santa Lídia, rua Américo Brasiliense, nº 405, nesta cidade, sob a orientação de Ely Vieitez Lanes, renomada professora e mestre em Letras, Semiótica e Estudos Literários, poeta, contista, ensaísta, romancista (tem um romance no prelo), autora de uma dezena de livros, colaboradora atuante em jornais e revistas regionais, membro da ARL – Academia Ribeirãopretana de Letras e da UBE – União Brasileira de Escritores. A idéia inicial era pagar à orientadora Ely Lanes para iniciar o grupo nas questões de língua e literatura adentrando o intrincado – iniciado para uns poucos – mundo das letras. Assim foi feito durante 1990 e 1991.

O grupo tomou corpo e tornou-se necessário um nome. Não

existe identidade sem nome. Flamboyant – palavra francesa que pode ser traduzida por chamejante, flamejante – foi o nome sugerido pela professora e escritora Nilva Mariani – que participou do grupo por seis meses e, por motivos circunstanciais, dele se desligou.

Por ser uma árvore muito presente na região e sugerir vida, luz e cor traria ao grupo uma identidade forte e expressiva. Flamboyant era a sua cara e alma. E Grupo Flamboyant foi aceito por unanimidade entre os membros. Deu certo: o trabalho do grupo cresceu e apareceu em um ambiente em que a literatura sempre esteve relegada a um segundo plano, injustificadamente em uma cidade que ostenta o epíteto de “Capital da Cultura”, conhecida como universitária e de destacado nível econômico.

Tudo muda. O objetivo do grupo foi-se alterando. Já dominando os mistérios dos textos poéticos, decidiu-se que o pagamento da orientadora deixaria de existir e todos seriam igualmente responsáveis pelo trabalho e destinos do GF. Os membros passaram a responder, uma semana cada um, pela aplicação da tarefa-estímulo. A nova sistemática deu resultado. No final de 1992, o GF publicou sua primeira antologia poética Cantata in Multivozes.

O GF tinha um papel a cumprir e o vem fazendo muito bem. Passou a ser uma espécie de resistência no último front. Juntamente com a ARL, ALARP – Academia de Letras e Artes de Ribeirão Preto e Casa do Poeta e Escritor, faz parte dos poucos grupos que se debatem por manter vivo o amor às letras em um ambiente tão ligado a um mundo

globalizado, massificado e afeito ao que é fácil e imediatista, de consumo rápido, que exige pouco esforço individual.

Durante o século vinte, Ribeirão Preto sofreu inúmeras alterações em seu perfil. De Capital do Café e Capital da Cultura, passou a ser a terra da cerveja, do chope, do consumo de massa e dos shopping-centers. E resistir, então, era preciso.

O amor às letras exige mais que emoção fácil à flor-da-pele em novelas, boletins policiais, partidas de futebol, corridas de automóvel, shows de músicas comerciais de gosto duvidoso – ditadura de bundas, peitos e trejeitos maliciosos – conversas jogadas fora e regadas a chope em tardes ensolaradas e noites quentes. O amor às letras exige muito estudo, esforço pessoal e solitário, e, sobretudo, muita entrega pessoal sem, na maioria das vezes, reconhecimento popular. Bem ao contrário, o amor às letras é reconhecido apenas por um grupo muito pequeno de pessoas, restritas, circunscritas aos que se preocupam de verdade com cultura e educação.

Foi uma caminhada árdua. Sob a batuta de Ely Vieitez Lanes, os membros do GF iniciaram no bê-á-bá dos textos literários e aos poucos seus segredos foram se revelando. A ganga continuou sendo lavrada e as pepitas literárias primeiras começaram a aparecer por entre a massa amorfa do minério bruto. Esperava-se resultado muito bom. O GF era composto de pessoas que tinham ligação muito forte com outras linguagens ligadas à arte. Tinham os principais e mais importantes requisitos para criar literatura: sensibilidade, escolaridade, cul-

tura, capacidade de entrega. “Esta plêiade de poetas (médicos, professores, advogados, artistas plásticos, empresários e assistentes sociais) publicou, em 1992, sua primeira Antologia: Cantata (in) Multivozes; a segunda, em 1994, Versando em Tons (Di) Versos. Lança agora (1997), UNI / VERSOS, pela Editora Mania de Livros, de São Paulo” (orelha desta última antologia).

Alguns já empreenderam vôo solo: Antonio Ruffino Netto, Diva Moraes Sampaio Benedini, Ruth Maria Sampaio de Freitas, Jair Yanni, Maria Herbenia Oliveira Duarte, Rita Marciano Mourão e Wellington César Paterlini.

Atualmente, o GF prepara uma nova antologia de textos literários e continua se reunindo mensalmente. Tem contribuído com artigos na imprensa local e participado de eventos literários como Quando Setembro Vier, palestras, e semi-

nários, etc. Há alguns anos vem estudando os mistérios do conto, arte literária das mais difíceis e certamente, no momento certo, dará à luz alguma antologia deste gênero tão cultivado no Brasil (ver quadro na página três).

Mas, na vida, nem tudo são flores. Dois membros – melhor dizer duas – nos deixaram por empreenderem a Grande Viagem, deixando em todos nós um travo amargo e a inexplicável dor da saudade pela ausência absoluta e definitiva: Maria Herbenia e Silvia Maria. Encerramos este artigo com dois poemas, da antologia Versando em Tons (Di) Versos, pedaços da alma de Herbenia e Silvinha, como homenagem a estas duas poetisas que, sem pedir desligamento do GF – porque se o pedissem não daríamos – nos deixaram e foram falar de solidão, dor e poesia em outras paragens.

## Solidão

(Herbenia)

Hoje eu não desejo / Este riso frouxo / De moleque. / Quero a peste / A loucura. / O tombo é meu / Mas as alegrias falsas / Das piadas de salão / Me irritam / E digo não. / Deixe-me chorar agachada / Sem fazer nada / Lembrar você.

## Próxima Estação

(Silvia)

Parece que a poesia / Perdeu o rumo / e sem rumo / Que rumo ela tem? / Sem conta de nada / Meio tonta / Esquisita / Esqueceu-se de ser poesia. / Perdeu-se o verso, / No verso / Às avessas / Do avesso / Reverso / E tonta / Sem conta / Eco e verso. / Pergunte ao poeta / Sem leme / Sem mapa / Com bagagem de nada, / Por que ele acende o lampião / Passa a camisa de algodão / E procura o verso / No vaso / No chão de ferro / Sem verso / Nem reverso! (Silvia Maria Ferrari)

# Diante de um Mote de Santa Teresa de Jesus

Ely Vieitez Lanes

*Por acaso pedi  
que em minha vida entrasses  
vento benéfico perfumando  
o mais recôndito vazio  
que purgatório já se habituara a ser?  
Eu te permiti fazer de minhas mãos  
conchas pejudadas de pérolas, desejos novos  
da carne adormecida  
em casta hibernação?  
Disse-te que podias fazer  
de minha alma borboleta  
se antes crisálida fora  
feia, embotada  
casulo cinza de nenhum  
jamais possível sonho novo?  
Não te falei que perdera  
todos os segredos dos cofres  
do sentimento?  
E vieste assim, intempestivo  
como um deus, como um homem  
que conhece o chão jamais pisado.  
Possuíste minha alma  
feudo cerrado  
E nela puseste teu selo  
de dono remido.  
Depois partes, te vais  
sem culpa, remorsos, zelo  
pelo reino destruído?  
Nada entendo. A quem minha rebeldia?  
Só sei, no desalento derradeiro  
Que muero porque non muero!*

## Um feriado

Belmira I. M. Cláudio

A tarde tranqüila apenas se iniciara. Depois das tarefas do almoço Beatriz escutava o ruído da TV enquanto, distraída, tecia seu crochê. O som do trânsito não se fazia ouvir naquele dia enfeitado de sol. O avô acabara de sair com as crianças para o passeio prometido.

O canário cantava uma de suas árias costumeiras. Os vasos de plantas do terraço agradeciam os cuidados. Floresciam e se embalavam ao passar da brisa.

Súbito, um vulto se move entre as plantas!

-Quem é você? Por onde entrou? O que quer?

A figura se materializara num jovem, seus vinte anos. Era um menino franzino, de aspecto quase famélico.

-Entre atrás do garoto, respondeu em seguida, assustado.

-Achei que ele ia roubar a casa da senhora, no feriado. Ele pulou o muro ali. Apontava um muro baixo que isolava a frente da casa.

-Mas por onde você entrou? Ela não se conformava! Ia atrás dele feito sombra, enquanto ele voltava. O marido, assustado, aparece à janela.

-O que foi?

Ela, distraída, voltou-se. Enquanto isso, transformado em pequeno ponto cinza, o intruso se perdia no asfalto da avenida.

Saudades... Ela lembrou de tia Carola naquela noite de inverno de início do século! No escuro, sentindo a presença de um estranho. Assustada, ela dissera: "Boa noite, seu ladrão!" E ele, correndo, desaparecera. Ela contava rindo muito. "E eu nem ofereci um cafezinho".

Mas, pensando bem, ela teve sorte! Era apenas um garoto e não trazia arma. As situações se repetem, embora os tempos sejam outros, de maior violência.

## Um quase conto de fadas

Aider Cruz de Oliveira

Sentamo-nos, enquanto aguardávamos o café, Paulo e eu. Não conseguia despregar os olhos da mulher, a nossa frente, no saguão do aeroporto. Para onde viajaria? Estaria só ou aguardaria alguém?

De repente, para minha surpresa ela olha para o lugar onde estamos. Suspendo a respiração. Estaria meu olhar assim tão insistente a ponto de chamar-lhe a atenção?

Caminha agora em nossa direção, com um quase sorriso nos lábios. Com um porte (continua após quadro) altivo, tem o andar cadenciado, como se estivesse numa passarela, lugar de princesa moderna.

Aproxima-se e, como se não me enxergasse, toca no braço de Paulo, que a cumprimenta surpreso. Sou apresentado à desconhecida. Sinto de perto seu perfume de ninfa banhada em fontes de algum bosque paradisíaco.

Ignoram-me totalmente, enquanto conversam, e tenho tempo de ir saindo aos poucos do meu estado de encantamento. Procuo integrar-me ao diálogo com assentimentos de cabeça e sorrisos descompromissados. Atento às falas, vou mergulhando, aos poucos, na realidade.

Penso que proximidade desfigura sonhos. Minha musa fala de coisas triviais como qualquer ser. As mulheres só são princesas quando não as podemos ter ao alcance. Rapidamente o cotidiano transforma-as em malvadas madrastas. Desfaz-se o encanto só de imaginá-la em casa, o cabelo despenteado, a boca retorcida, reclamando que deixei latas de cerveja no chão, ao lado da poltrona, perguntando por que cheguei tarde para o jantar.

Sua fala, embora meticulosa e requintada, derruba-a do pedestal. É comum. Só foi princesa em meu pensamento. Ainda bem que não tive tempo de enamorar-me. Ela não vai embarcar, sorte minha, pois, durante o voo, olhando-a, poderia ter nova recaída.

Espera alguém. Despedem-se meu amigo e ela. Aperta minha mão casualmente. Dirigimo-nos para o embarque e ela fica sem saber que quase entrou na minha história.



**PONTA DE ESTOQUE**  
LIVRARIA

Livros a partir de R\$1,00

Tel/Fax: (0\*\*16) 632-2316

Rua Barão do Amazonas, 1246 - Ribeirão Preto - SP

VISITE NOSSO SITE

[www.jperegrino.com.br](http://www.jperegrino.com.br)

e, envie-nos seus  
comentários / sugestões

[falecom@jperegrino.com.br](mailto:falecom@jperegrino.com.br)



**FÊNIX**  
Farmácia Homeopática e de Manipulação

Tel.: 621 6442 / 623 7120

Homeopatia, Produtos Naturais,  
Medicamentos, Fórmulas, Produtos  
Dietéticos, Florais.

Sob responsabilidade técnica da **Dra. Maria Regina Pavanelli**,  
farmacêutica com experiência de 17 anos em homeopatia  
e manipulação de fórmulas

**Fácil Estacionamento - Entregas em domicílio**

e-mail: [homeofenix@uol.com.br](mailto:homeofenix@uol.com.br)  
R Newton Stilac Leal, 70/74 - Jd. Irajá - Rib. Preto - SP  
Continuação da Av Leais Paulistas esquina c/ Galileu Galilei

**QUADRO DE MEMBROS E ANTOLOGIAS DO GRUPO FLAMBOYANT**

MEMBROS	ANTOLOGIAS			
Ely Vieitez Lanes – Mentora	1	2	3	4
Aider Cruz de Oliveira				4
Antonio Ruffino Netto	1	2	3	4
Belmira Innocência M. Cláudio	1	2	3	4
Cármem Lúcia Z. Soares	1	2	3	4
Djalma Cano			3	
Diva Moraes S. Beneditini	1	2	3	
Jacquisson José B. Andrade		2		
Jair Yanni			3	4
Marcos Zeri Ferreira			3	4
Magda Fonseca Lindenbergl		2	3	4
Maria da Graça Ap. F. Abreu	1	2	3	4
Maria Herbenia O. Duarte (In Memoriam)	1	2		
Mirian Calil	1			
Osmar Vieira da Silva	1			
Rita Marciano Mourão	1	2	3	4
Sérgio Rubens da Matta				4
Sílvia Maria Ferrari (In Memoriam)	1	2		
Vera Lúcia Palma Pagliuchi				4
Yole Costa Pagano				4
Waldomiro W. Peixoto	1	2	3	4
Wellington Paterlini		2		

(1) Cantata in Multivozes – Editora Ribeirão Preto – Franca/SP – 1992. (2) Versando em Tons (Di) Versos – Scortecci Editora – São Paulo – 1994. (3) Uni / Versos – Editora Mania de Livros – São Paulo – 1997. (4) Antologia Literária – Prosa e Verso – no Prelo – 2002.

**Tio Pedro****Djalma Cano**

Tio Pedro era tão grande, tão alto e tão gordo. Eu ficava com muito medo quando ele me levantava pelos braços e dizia que iria me jogar pro céu. Não queria ir para o céu naquela hora, eu dizia. Aterrissava-me de repente e já estava girando o meu primo Oscar. "Bem feito, esse menino é um grande imbecil! Tem que sofrer". Todos os adultos se divertiam com tio Pedro, inclusive papai. O torturador de crianças era incansável. Nós o detestávamos e sempre limpávamos a baba pegajosa que se instalava com seus beijos. Tio Pedro resolveu subir no telhado para desmanchar um ninho de caga-sebos bem na cumeeira, no vão pequeno da telha quebrada; o pé falseou e ele deslizou. Tão alto e tão gordo. Tão grande o tombo. Bateu com a cabeça no chão. Todo mundo viu; até nós, os torturados. Machucou de sair sangue. Num segundo tia Nonoca nos empurrou pra dentro e ficou brava para a gente se assustar e não querer sair. No outro dia não fomos à escola. Tivemos que usar roupa de sair, de domingo. As pessoas estavam mais caladas e quando falavam, falavam baixinho. Parecia segredo. Não entrei na sala. Fiquei olhando pro telhado. O casal de caga-sebos parecia feliz e faziam festa pequena no meio das telhas. Enfie a mão no bolso e fiquei conferindo algumas figurinhas que sobraram da última coleção de cromos.

**Pássaro Ferido****Jair Yanni**

Quando a tormenta passar  
recolherei todos os galhos  
quebrados da nossa árvore  
e os incinerarei

A brisa há de levar suas cinzas  
suavemente...  
esperarei paciente  
a tempestade passar

Cuidarei do tronco castigado  
porque acredito na força das  
raízes

E quando brotar  
a primeira folhinha verde  
reporei seu ninho  
novamente

**Folhas****Belmira I. M. Cláudio**

Folhas tenras se espelham  
sobre os muros  
embalando lentamente  
belas sombras.  
Mas o vento enfurecido  
das porcelas  
rompe os sonhos que desfeitos  
jorram seiva  
sangue rubro  
sobre as vestes.  
Mergulhada em águas santas  
milagrosas  
alma rude eleva preces  
recolhendo  
folhas secas do Outono  
derradeiro.

**Da Carochinha****Djalma Cano**

Acorda criança, acorda...  
Teus braços tão leves parecem  
Cabides tombados, largados no  
espaço...  
Acorda agora!  
Teu jeito é tão sem graça,  
Lembras um cristo cansado  
A madona de barbas, olhos no  
fundo  
A fome passa e transmite, como  
doença...  
Acorda, menino!  
Não deixes que eu me zangue,  
Pois zangado eu me esforço  
E suo frio, tenho tonturas, vou  
desmaiar...  
Acorda, menina!  
Tua sainha suja de barro  
Eu enrolo a ponta e ninguém  
vê,  
Nem tu vês, estás dormindo,  
fatigada...  
Acorda, acorda, acorda!  
Nem sei o que pedir mais...  
Vou começar de novo...  
Era uma vez....

**Máscara****Rita Marciano Mourão**

Passo a dançar na corda bamba  
uma música de ritmos variados.  
Há lágrimas a preencher o vazio  
que existe  
entre o rosto e a espessa  
máscara.  
Passo a recolher pedaços  
de esperança  
a esculpir em mim  
a inocente criança que se perdeu  
nas variações do texto.  
Mesmo assim  
o show prossegue entre risos.  
É preciso alegrar a platéia  
enquanto dentro de mim  
cai um silêncio em flocos  
e os brancos blocos de gelo  
embalsamam minha alma.  
Há momentos de aplausos  
de vaias há momentos, sim,  
e no descompasso dos  
sentimentos  
segue o show indiferente  
ao cerco da fatalidade:  
Quando cair a máscara  
Morto estará o palhaço  
e, em seu lugar  
surgirá, sem disfarce,  
a agonia da minha lúcida  
realidade.

**Quem  
sou****Aider Cruz de Oliveira**

Não sei de onde vim  
nem para onde vou  
Sou intervalo  
Sou abismo que interroga  
Tens a resposta ?

**Receba em casa seu exemplar do Jornal do Peregrino**  
**Assinatura 12 meses - R\$24,00 06 meses - R\$12,00**

Entre em contato através do telefone (16) 636 5543 ou pelo e-mail:

**falecom@jperegrino.com.br**, fornecendo seus dados, que lhe enviaremos  
um bloqueto bancário, para pagamento em QUALQUER banco e agência  
bancária de sua preferência, para sua maior comodidade.

Ou deposite no Banco Itaú – Ag. 0332 – Conta: 74194-1 e envie o comprovante  
do depósito juntamente com seus dados para:

R Dr Enéas Carvalho de Aguiar, 323 sala 5 – Ribeirão Preto – SP – CEP: 14020-130.

**B H A S E**  
**Reserva Natural**

A sua moda Ecológica  
100% Fibras Naturais

Uma declaração de  
"Amor à Terra".

Rua Eliseu Guilherme, 399 Esq. a/ São José  
Tel.: (16) 625.7081 - Ribeirão Preto - SP

## O relógio de pêndulo

Sérgio Rubens da Matta

o Amarelo é da Palha  
a Palha é da Cadeira

Bong

a Cadeira é da Cozinha  
a Cozinha é da Casa  
a Casa é da Família  
a Família já morreu

Bong

o Cipreste é do Cemitério  
o Cemitério é da Poesia  
a Poesia é do Livro  
o Livro é do Pintor

Bong

o Pintor é do Relógio  
o Relógio é do Coelho

Bong , Bong

o Coelho é da Alice  
a Alice é do Carol  
o Carol é do Vincent  
o Vincent é do Menalton  
o Menalton é do Irmão

Bong

o Irmão sou Eu  
o Relógio sou Eu  
também sou o Amarelo  
e minha Cadeira que é de Palha  
ficou vazia sem meu Irmão  
que virou Vincent  
que virou Orelha de Livro  
Cortada

Bong

que partiu na Paisagem  
de Ciprestes Amarelos e Negros  
com Cheiro de Vento que  
passa...

Bong

## A caixa de música

Sérgio Rubens da Matta

É incrível este eterno  
que existe em tuas chegadas e saídas.

Meu coração sorri de não ter  
mais rédeas  
E voa feliz atrás dos teus ares e perfumes.

É incrível ! Como se de todos os  
tijolos

vermelhos do meu chão  
brotassem árias e capins,  
quando chegas, tímida.  
É incrível como tua timidez me  
fere de lança...

A mim que tenho o riso hirto  
das longas esperas  
e as pernas doloridas das  
imensas partidas...

Vê, amiga: do meu coração  
sobrou  
só esqueleto e ferrugem.  
Desesperado estendo panos  
coloridos  
repintando meus cenários.  
A dança começa e a música, de  
suave  
passa a uma sagração de  
Primavera...  
O cenário se acende e minhas  
cinzas  
caem para cima  
e, como neve,  
acariciam uma casa iluminada.

No centro giras,  
bailarina da minha música...  
E, feliz, feliz eu repito  
do lado de cá do espelho,  
cada gesto, cada olhar,  
como se fossemos reflexo.  
Um do outro...

## Intermezzo

Waldomiro W. Peixoto

A vida bate de frente comigo  
Faz-me morno e  
Coloca-me no "intermezzo".

Já se disse: os mornos  
Vomitam-se. E o meio  
É o ponto dos covardes.

## Só o vento e Eu

Belmira I. M. Cláudio

Folhas elevam-se em fúria  
louca espiral para o céu  
redemoinhos de pó  
furor em zumbidos e Eu só

Gritos da terra, queixumes  
Pétalas, flores, perfumes  
A desfazer-se no ar

Cristais irrompem do gelo  
gotas de orvalho flutuam  
Silêncio de paz se instala  
Na lágrima sentida de nuvem

A brisa se espalha e só  
Resta o tempo... nós dois  
Eu e o vento

Sensações  
Rita Marciano Mourão

Da janela  
Maria olha  
Quase nua de cores  
E de imagens vivas.

Da janela  
Maria olha o outro lado do  
tempo  
E a rua se veste de lua  
Dança e alcança a vida.

Da janela  
Maria silenciosa  
Percorre as trilhas do ontem  
Numa voluptuosa comoção.

Na janela  
Maria desperta  
E na rua deserta  
As sensações se misturam  
Ao pó da realidade.

Fecha-se a cortina!

## Carnaval

Jair Yanni

Que máscara usarei nessa  
folia  
A que ri ou a que chora?

Se é carnaval não vou usar  
A dor da fantasia...

Meu coração vazio só entrará  
No samba embriagado

Devo beber e acreditar  
Nessa mentira  
Carnavalesca e louca

Adiar o insulto e a agonia  
Deixar atrás os despautérios  
Cantar para morrer contente

Sem entender a vida  
Sofrendo inutilmente

## Busca de identidade

Aider Cruz de Oliveira

Às vezes, olho as pessoas  
e invejo-as.  
A forma que tomam, ao cinzel  
de meu olhar,  
É de corpos e olhos que riem  
adequados, enquadrados.

E eu, paisagem fora de foco ,  
a indagar,

Que parte de mim me apavora?  
Que parte de mim me paralisa?  
Em que tempo tornei-me peda-  
ços?

Espalhada espelho-me  
em outros.

Onde a identidade desejada ?

## Colcha de retalhos

Aider Cruz de Oliveira

mulheres cosendo juntas  
caminhos entrecruzados  
linha, tecido e lacunas  
retalhos de experiências  
cada desenho um detalhe  
de cor, de forma e catarse  
peça pronta  
abre-se o pano.

## Alternâncias

Ely Vieitez Lanes

Contigo, em teus braços  
Não penso, sou corpo  
Sensações trêmulas  
Ausência de lucidez  
Animal feliz no seu habitat

Longe de ti, clarividência / ácido  
Corrói, busca meandros  
Filigrana  
Razão / cérebro  
Alma seca / peito vazio  
Emoção nenhuma

Entre o sentir e o pensar  
Intermitências  
De vida e morte.

## Isolamento

Waldomiro W. Peixoto

Em letras másculas, ele  
crava,vermelhas, suas angús-  
tias no espelho frio da toalete:  
"Nada pior  
do que a solidão  
*involuntária.*"

No outro dia, ela se depara  
com o espetáculo escandalo-  
so do batom na superfície indi-  
ferente:

"Quem sujou  
o espelho?"

Ele ouve. Seu peito dói.  
Sem saída (suspiro) abraça o  
travesseiro também solitário:  
"...?!"